

Distribuição Gratuita

Atlântida, o país dos dragões

ATLÂNTIDA
Princípio e Fim da
Grande Tragédia
Roselis von Sass



ATLÂNTIDA

Princípio e Fim da Grande Tragédia



“Para os seres humanos de hoje, esse relacionamento com os dragões parecerá fantasioso e improvável. Esquecem, no entanto, que naquele tempo ainda não havia medo e animosidade entre o ser humano e o animal. Ambas as espécies viviam pacificamente, lado a lado, (...)”

Protegida por encostas de rochedos íngremes que avançavam até o mar e repleta de altas montanhas, colinas verdejantes, planícies e vales, a Atlântida abrigava povos e também animais que conviviam na mais perfeita harmonia.

Alces, búfalos, ursos e cervos gigantes eram apenas alguns dos que habitavam a região, junto com outros que conservavam ainda características dos animais pré-históricos, hoje extintos...

Ao norte, o povo de Embla convivia amigavelmente com a porção sul do país, chamada Ulad. Para mercadores e viajantes que conheciam ou ouviam falar da Atlântida, no entanto, uma das denominações mais comuns era a que nomeava a ilha como o “País dos Dragões” ou ainda o país dos “voadores de dragões”.

O nome, apesar de misterioso, não fazia alusão a nenhuma fantasia, já que entre as fendas de rochas nos paredões costeiros e também nas entradas de cavernas e grutas, era possível encontrar esses exuberantes animais alados.

“Dragões não constituíam nenhuma raridade naquela época. Contudo, dragões que espontaneamente e até com alegria carregassem seres humanos pelos ares, somente existiam no reino da Atlântida.”

Mesmo sendo brevemente ligada ao continente em sua porção norte e não tendo vizinhos de outras povoações ao sul, os poucos navios e embarcações que atracavam na Atlântida traziam forasteiros, que ora permaneciam na ilha, ora partiam. Em suas viagens, levavam adiante relatos sobre o desenvolvido povo

que vivia em harmonia com majestosos dragões e outros seres da natureza, despertando grande curiosidade e fascínio. Também para os próprios atlantes certos acontecimentos não deixavam de ser surpreendentes...

“Voar em dragões constituía uma vivência única, com a qual cada homem sonhava desde a juventude. Considerando o grande número desses animais que vivia naquela época no país, havia relativamente poucos ‘voadores’ de dragões. Os responsáveis por isso eram os próprios dragões, pois comportavam-se de maneira muito peculiar na escolha do homem a quem estavam dispostos a reconhecer como amo. Sim, os dragões escolhiam seu amo, e não o contrário.”

Mas não eram somente histórias sobre o modo de vida e singularidades daquele povo que os curiosos viajantes estrangeiros — e muitas vezes perturbadores da paz local — levavam após suas excursões. Relatos sobre o saber espiritual dos atlantes, suas crenças e profecias também chegavam para terras além-mar, despertando ainda mais interesse, mas também incompreensão.

“Existia, pois, uma antiga tradição que dizia que essa terra, um dia, seria coberta pelas

águas do mar... Essa tradição era conhecida por todos. Provavelmente, porém, pensavam que esse fenômeno natural se realizaria somente numa época longínqua...”

Um dia o sábio Gurnemanz enviou uma mensagem para o governante do povo, Witu: “Um homem entrou em tua casa; é um homem mau. Manda-o para o mar.” A mensagem era clara e não deixava dúvidas. Porém, como conter o avanço do forasteiro já chegado há dias, e que parecia perturbar a tranquilidade local apenas com sua presença?

Seria realmente necessário deixar a Atlântida? Seria verdadeira a profecia sobre o afundamento do país dos dragões alados no mar? Por que abandonar a pátria com tanta pressa? Tais mentiras e dúvidas propagadas sorrrateiramente entre o povo atlante tinham sua origem no desconhecido viajante que soçobrara nas praias da região. Syphax era seu nome.

Sem dificuldade plantava a desconfiança nos homens bons e puros da Atlântida, que há tantos anos confiavam fielmente na condução do rei e também do sábio Gurnemanz. Diante disso, a população passou a ser firmemente alertada:

“ — O tempo em que essa profecia se realizará está próximo! Ninguém, naturalmente, esperava que isto acontecesse tão brevemente. Nós todos,

de agora em diante, teremos de deixar nossa pátria atual, emigrando para o país que nos foi previsto. Também lá, todos poderão ter uma vida pacífica e cheia de trabalho. O caminho até esse país é penoso e longo. Contudo, não hesiteis! Pois a mesma luz radiante brilhará em nossa nova pátria também!”

Em parte confuso e em parte confiante, pela primeira vez o povo atlante se dividiu, tudo parecia mudado. Naquela época até mesmo os amados animais, cujos sinais todos os atlantes sabiam reconhecer e interpretar, se comportavam de modo estranho, anunciando as transformações terrestres pelas quais o local teria de passar.

“— (...) Os répteis estão abandonando os seus pântanos e andam de um lado para outro... os cisnes cantores deixaram a Atlântida. Não são mais vistos em nenhum dos lagos... No morro dos dragões sem donos, suas cavernas estão quase todas vazias. Eles voaram para além-mar, não mais voltando... As águas subterrâneas já há muito estão sendo desviadas... isto significa que muito tempo antes do cataclismo faltará água... E ainda as violentas tempestades, que varrem nosso país agora com extraordinária frequência... Eu poderia

enumerar muitos presságios mais, porém sinto que não penetram nem em vossos corações nem em vossos cérebros.”

As exortações de Gurnemanz já não mais conseguiam abalar os ouvintes e despertá-los. Haviam se deixado seduzir facilmente pelo estranho, que possuía em si o dom da palavra. Não somente a população, como também parte dos sábios locais, conhecidos como druidas, sucumbiam ao discurso de Syphax. De fato, a catástrofe era inevitável e dela não poderiam escapar, caso permanecessem na ilha. Disso, os atlantes já sabiam há muito tempo. Porém, não foram todos os que reconheceram que o momento havia chegado. Seus corações não ouviam e também não mais falavam.

“Existem forças ocultas que dirigem nosso destino!” comentou Syphax certo dia a um dos jovens pertencentes à realeza: Seyfrid.

“— Nós mesmos formamos nosso destino! intercalou Seyfrid. É o que diz Gurnemanz. Ele é mais sábio do que todos nós!”

Decerto o destino da Atlântida estava selado, de forma que não seria possível modificar as consequências do cataclismo. Ainda assim, diante do temível acontecimento, seu povo poderia escolher, individualmente, o rumo de seu destino... ■

Leia um trecho do livro:

O REI Witu e os seus voltaram da viagem. Por toda a parte onde haviam passado, avisaram as pessoas, pela última vez, da necessidade de abandonarem quanto antes o país. Ao mesmo tempo despediram-se, pois a família real tinha a intenção de deixar o país o mais depressa possível. Durante a viagem Witu soubera das dificuldades enfrentadas por aqueles que queriam partir. Por exemplo, havia ali um casal com duas filhas casadas e quatro crianças. Os dois genros recusavam-se decididamente a sair, ameaçando as mulheres de tirar-lhes as crianças. O que então restava às mães das crianças, ainda pequenas, era apenas ficar...

“Quem sabe com quantas famílias se passa o mesmo?” pensou Uwid. Com preocupação no coração, ela se recordava de Syphax.

— Provavelmente a situação chegará a tal ponto que muitos, desejosos de sair, terão de fugir sorrateiramente na calada da noite! disse Modred.

E ela tinha razão. Em anos posteriores, muitos que queriam deixar o país tiveram de fugir à noite.

Witu decidiu voar mais uma vez até Gurnemanz. Tinha de ajudar as pessoas que queriam sair e não podiam. Gurnemanz talvez tivesse um conselho a respeito...

Seyfrid, que já havia feito muitas vezes voos com seu querido dragão, resolveu, durante a ausência de Witu, fazer com que um grupo de meninos tivesse conhecimento com dragões sem dono. Desde muito os meninos pediam-lhe isso. Até então ele se recusara a satisfazer os pedidos, considerando que em breve teriam de deixar o país junto com seus pais. Os dragões, então, pouco lhes adiantariam. Agora era de opinião diferente. Os dragões, mais tarde, poderiam ser a salvação deles, caso seus pais se recusassem a sair, ou então fossem impedidos de fazê-lo.

Assim, cavalgava diariamente com um grupo de meninos até as colinas, onde ainda havia muitos dragões, e onde Seyfrid também encontrara o seu. Os dragões que habitavam as cavernas no monte dos dragões, situado em outro distrito, já há tempos haviam abandonado o país, não mais retornando. Os que moravam nas colinas ficaram. Os meninos, portanto, tinham esperanças de adquirir a benevolência deles...

Uwid e Modred, bem como Brunhild e até a menina Liasse, estavam muito oprimidas desde a saída do rei. Se o motivo do voo até Gurnemanz não fosse a salvação de outros, Uwid teria lhe pedido que não voasse.

Certo dia, pela manhã, quando todos estavam reunidos na cozinha, Uwid disse tristemente:

— Witu não mais voltará para nós. O espírito dele apareceu-me à noite, acenando-me e despedindo-se, como sempre fazia ao iniciar uma viagem mais longa.

Güiniver e Liasse começaram a chorar.

— Voarei até Gurnemanz. Dentro de poucos dias estarei de volta, então saberemos exatamente o que aconteceu! disse Seyfrid.

Güiniver, que vivia desde algum tempo no castelo como mulher de Seyfrid, sentiu o coração palpitar e estava prestes a desmaiar com a decisão de Seyfrid. Contudo, como poderia detê-lo, uma vez que sairia à procura de seu pai?...

Seyfrid resolveu voar já na manhã seguinte. Sua mãe, Güiniver e Liasse, bem como alguns meninos, cavalgaram com ele até o “campo de voo”. Era interessante observar como os dragões moviam as asas para cima e para baixo antes de cada voo, assim como se quisessem testar sua capacidade de voar. Güiniver ficou apavorada ao ver o dragão que Seyfrid conduzia para o campo, vagorosamente, com uma rédea comprida. Quando levantou voo, ela fechou os olhos, caindo ao chão. Uwid, Liasse e os meninos acompanharam-no com o olhar, enquanto puderam vê-lo. Güiniver queria levantar-se, contudo, véus cinzentos turvaram seu olhar, e o chão parecia balançar... Quando os outros, finalmente, olharam para ela, já estava morrendo...

Seyfrid ficou como que petrificado de dor quando, ao regressar, encontrou morta a sua encantadora e jovem mulher. Também Liasse estava inconsolável. Recusava a comida e queria morrer. Seyfrid era o único capaz de consolá-la.

— Güiniver vive agora num outro país! explicou-lhe com amor. Nós tornaremos a vê-la quando o tempo para isso chegar.

Seyfrid esteve fora somente quatro dias. Durante esse tempo, viera um mensageiro de Gurnemanz para narrar a Uwid o que havia acontecido.

Witu tinha sido raptado por seu dragão. E culpado disso fora o dragão de Gurnemanz.

— Esse dragão estava muito inquieto ultimamente. Fazia voos curtos, porém voltava sempre! contou o mensageiro. Gurnemanz havia percebido sua inquietação, razão pela qual não mais voava com ele. Quando o rei Witu subiu no seu dragão para voar para casa, o dragão de Gurnemanz também levantou voo numa direção onde não se encontrava nem a pátria antiga nem a nova. O rei tentou desviar seu dragão, que voava atrás do outro, para uma outra direção... Podia-se notar nitidamente como ele tentava puxar as rédeas... tudo, porém, em vão...

Uwid e os seus não puderam entregar-se à tristeza por muito tempo. Uma ameaça indefinível pairava no ar, sentida por todos como um fardo.

— Precisa-se agora de coragem e força para viver! disse Seyfrid oprimido.

E precisariam mesmo de coragem no tempo vindouro. Pois Syphax apareceu no castelo. Chegou ao anoitecer quando toda a família estava reunida no salão de trabalho. Ele usava sobre sua roupa preta um escudo prateado, onde estava fixada uma estrela de pedras vermelhas com seis pontas. Ao lado pendia uma espada, e a cabeça estava coberta por um elmo alto. Algo violento emanava dele, enquanto os olhava. Liasse começou a tremer de medo.

“Temos de nos modificar, para não nos assustarmos tão facilmente!” pensou Uwid.

Mas como esse homem havia-se modificado nesses poucos anos! Apesar de seus triunfos, tinha um aspecto envelhecido, estava magro e amargurado.

— Nós nos preparamos para deixar o país. Então poderás mudar-te para o castelo! disse Uwid.

Ao pronunciar isso, ela postara-se diante dele com uma dignidade inimitável.

— Quanto mais cedo deixardes o país, tanto melhor para mim. Até lá podeis mudar para uma das casas de hóspedes. No castelo há lugar somente para mim e minha filha!

Liasse deu um grito, agarrando-se a Seyfrid.

— Liasse ficará aqui! continuou Syphax com mal dominada raiva. Podeis sair... mas sem ela!

Ele olhou para a criança com uma expressão indefinível nos olhos. O fato de Liasse ter medo dele, doía-lhe como uma ferida ruim.

Syphax deixou o castelo. Havia saído, contudo seus pensamentos, seu ódio e talvez também seu medo escondido, ficaram. Sombras vagavam para cima e para baixo. Formavam-se e desfaziavam-se, mas todas tinham rostos que, apesar de suas desfigurações, se pareciam com Syphax.

— Temos de guardar o cálice sagrado! interrompeu Brunhild o silêncio sinistro na sala. Talvez já amanhã ele se instale no castelo!

— Brunhild tem razão! disse Seyfrid. O Salão Real será a primeira coisa de que se apossará!

Enquanto os outros falavam, Uwid procurava, em pensamentos, por um esconderijo. Sem Liasse, não poderiam sair; não fosse isso, eles levariam consigo o cálice, como estava previsto, para a nova pátria.

— Não há nenhum esconderijo que esse homem não encontre! exclamou Brunhild, chorando.

— Esse esconderijo existe. Acalma-te e tem confiança.

Todos olhavam para Uwid que havia falado tão calma e decididamente.

— Onde, mãe? Onde? insistiu Seyfrid.

— Na caverna do dragão de teu pai! Atrás se encontra outra caverna menor... Witu falou dela uma vez.

Naturalmente! Dentro da caverna dos dragões. Syphax tinha medo desses animais.

Ainda na mesma noite embrulharam o pesado cálice e o colocaram numa cesta. Cobriram a cesta com flores secas e musgo, e a seguir Seyfrid saiu carregando-a. O caminho até a caverna do dragão de seu pai era longo, não obstante ele foi a pé, uma vez que um pedestre chamaria menos a atenção do que um cavaleiro. Syphax, mui provavelmente, agora já mandara vigiar o castelo...

— Vontade assassina chamejava nos olhos de Syphax, ao ver como sua filha agarrava-se a Seyfrid... Seyfrid corre perigo, mãe! Ele não pode ficar aqui! disse Brunhild.

Uwid deu-lhe razão. Havia sentido intuitivamente o mesmo. Gundhar e Tusneld chegaram ao castelo, a fim de falar com a família real sobre seus planos. Ambos souberam, através de seu filho Hagen, que Syphax nunca se separaria de sua filha.

— Sem Liasse não podemos deixar o país! disse Uwid serenamente, antes que o druida pudesse continuar falando. Mas estou convicta de que encontraremos uma saída. Não vos deixeis deter por nossa causa. Quanto mais cedo partirdes, tanto melhor será.

— Deixaremos o país junto com um grande grupo. Tudo já está pronto! disse Gundhar.

— Não vejo a hora de esse momento chegar! acrescentou Tusneld. Por toda parte encontram-se

tristeza, revolta, inimizade e desconfiança! Nosso orgulhoso povo... não compreendo essa transformação...

— Esqueces que bruxas governam nosso país! objetou Modred.

— Seyfrid terá de sair daqui o mais depressa possível! disse Gundhar preocupado. Syphax planeja contra a vida dele. Dentro de poucos dias, todo meu palácio estará à disposição dele. Mas não devemos esquecer Hagen. Ele, aliás, sempre permanece pouco no palácio... mas tão logo tivermos saído, isso decerto mudará.

— O malfeitor que planeja contra a vida de Seyfrid será impedido de executar seus planos. Pois não estamos sozinhos. Os auxiliares espirituais e os do reino da natureza não nos abandonarão! disse Uwid confiantemente. ■

Continua no livro.

Roselis von Sass

Nascida na Áustria, Roselis von Sass (1906-1997) veio para o Brasil ainda jovem.

O sentido mais profundo da existência, com seus ensinamentos, foi sempre o principal objetivo dessa extraordinária escritora. Muito cedo sua alma sensível aprendeu a discernir a realidade das aparências, concluindo que: “Não é o lugar em que nos encontramos nem as exterioridades que tornam as pessoas felizes; a felicidade provém do íntimo, daquilo que o ser humano sente dentro de si mesmo”. ■

Livros editados pela

ORDEM DO GRAAL NA TERRA

Obras de Abdruschin:

NA LUZ DA VERDADE – obra em três volumes
Alicerces de Vida
Os Dez Mandamentos e o Pai Nosso
Respostas a Perguntas

Obras de Roselis von Sass:

A Desconhecida Babilônia
A Grande Pirâmide Revela seu Segredo
A Verdade sobre os Incas
África e seus Mistérios
Atlântida. Princípio e Fim da Grande Tragédia
Fios do Destino Determinam a Vida Humana
Leopoldina, uma vida pela Independência
O Livro do Juízo Final
O Nascimento da Terra
Os Primeiros Seres Humanos
Profecias e outras Revelações
Revelações Inéditas da História do Brasil
Sabá, o País das Mil Fragrâncias
Tempo de Aprendizado

Obras de outros autores:

Espiando pela fresta
Nina e a música do mar - Sereias
Nina e o dedo espetado - Dompi
O Dia sem Amanhã
Quem Protege as Crianças?

Consulte lista completa em nosso site: www.graal.org.br

Março/2019

Seria realmente necessário deixar a Atlântida?
Seria verdadeira a profecia sobre o afundamento
do país dos dragões alados no mar?

*“ — O tempo em que essa profecia se realizará
está próximo! Ninguém, naturalmente, esperava
que isto acontecesse tão brevemente.”*

Roselis von Sass descreve os últimos 50 anos da
história desse maravilhoso país e as advertências
ao povo para que mudassem para outras regiões.

delatime

